

Para onde vai o ouro da

VALE

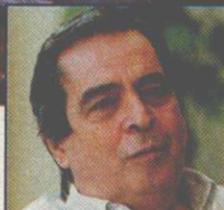
Em meio a um combate jurídico sem precedentes, entra na reta final aquela que será a maior venda da história empresarial do País. Os brasileiros podem assistir nesta terça-feira 29 – se não houver nenhum contratempo – a mais polêmica, valiosa e esperada privatização até aqui realizada. A Companhia Vale do Rio Doce, símbolo de um sonho de Brasil grande, está prestes a passar à iniciativa privada – caso as autoridades consigam superar a enxurrada de liminares que se abateu sobre o processo. A transferência de donos se dá em clima de grandes disputas e paixões arrebatadas. De saída, o leilão está suspenso por recurso concedido na 6ª Vara Federal de São Paulo, na tarde da sexta-feira 25, a pedido de oito renomados juristas da capital. Eles alegam que o edital viola várias leis federais. Os advogados do governo esperam suspender a medida ainda nesta segunda-feira 28. O presidente Fernando Henrique, logo depois de saber da suspen-

são, foi o primeiro a assegurar que não haverá adiamentos. “Vamos cumprir o cronograma”, afirmou. Para a maioria dos brasileiros, a Vale dispensa apresentações. É a jóia da coroa – ou se poderia dizer o ouro da coroa – com alto grau de eficiência e números de encher os olhos. Fatura quase US\$ 7 bilhões, emprega cerca de 15,5 mil funcionários, está presente em mais de 100 municípios do Oiapoque ao Chuí. Imbatível em exportações, imensurável nas suas riquezas e por muitos incompreendida na sua atuação, a Vale traçou uma história de conquistas singulares que a projetou como maior mineradora brasileira e terceira do mundo. Por isso sua venda vem carregada de um componente emocional acima da média. Em várias cidades estão ocorrendo passeatas, protestos e brigas jurídicas de tirar o fôlego. Até o final da semana passada já eram 75 processos solicitantes

do liminares para bloquear o negócio. Há previsão de que cheguem a 80 às vésperas do leilão que irá vender 45% das ações ordinárias (com direito a voto), pelo preço mínimo de R\$ 3 bilhões.

O ambiente deve esquentar ainda mais pela proximidade com o Dia do Trabalho,

1º de maio, tradicionalmente usado para manifestações. Esse fator não tinha sido considerado quando se marcou a data e agora muitos dentro do governo avaliam como uma imprudência a coincidência de eventos. “Estamos num barril de pólvora pronto para explodir”, comentou um alto funcionário do BNDES, o banco responsável pela coordenação da venda. Para inibir reações radicais, foi montado o maior aparato policial da história das privatizações. Serão 600 policiais militares, de dois batalhões, com armas e tanques em frente ao prédio da Bolsa de Valores



BENEDITO R. BARBOSA
autor de novela

“Não confio na
avaliação que
fizeram”

A polêmica e a Justiça tomam conta do processo de venda da estatal, disputada por dois consórcios

CARLOS JOSE MARQUES
E LIANA MELO

do Rio de Janeiro – onde a partir das dez horas da manhã devem ocorrer os primeiros lances. Várias tropas de choque também entraram em prontidão nos Estados em que a Vale atua. O esquema de guerra é completado por uma banca de 120 advogados contratados pelo BNDES para responder a questionamentos legais em qualquer parte do País. Eles estarão de plantão dia e noite nestas horas que antecedem o grande momento. À disposição da banca foram colocados quatro aviões e dez helicópteros. A mobilização se justifica. Qualquer pessoa em pleno gozo de seus direitos políticos pode ir a um juiz de sua comarca e dar entrada a uma ação pedindo explicações que atrasariam o leilão.

As reclamações, enquanto isso, surgem de todos os lados. Desde a comunidade acadêmica, representada por técnicos do Departamento de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – que identificaram disparidades no volume de reservas minerais lançadas para avaliar a estatal –, até a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), os sem-terra, políticos e sindicatos trabalhistas, entre outros. Todos meteram a colher na questão. As várias correntes buscam hipnotizar a opinião pública com maciças campanhas publicitárias (leia quadro). Como numa final de campeonato, a venda da Vale virou espetáculo. O retrospecto dessas ocasiões não é favorável. Ainda es-



ALCIDES TÁPIAS
executivo

“Apóio a venda. A iniciativa privada é mais eficiente”



BETTY FARIA
atriz

“Como reeleger um presidente que vende nossas riquezas?”

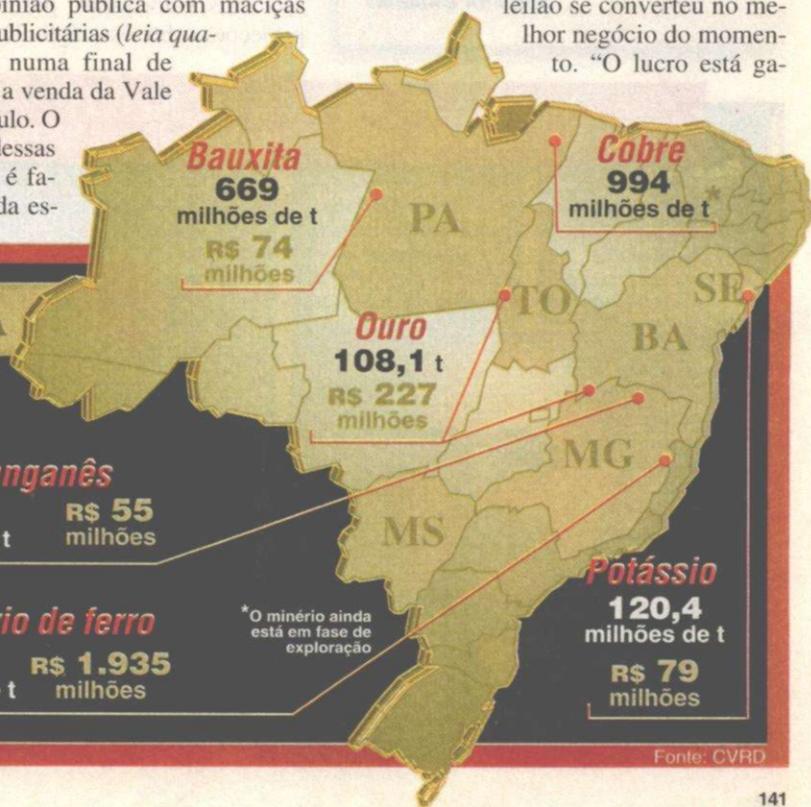
tão na memória das pessoas as cenas de chutes e pedradas nos participantes do leilão da Usiminas, em 1991, e a explosão de uma bomba durante a venda da CSN, em 1992.

Nesse momento, o que os brasileiros precisam saber é se a venda será justa ou não. Na essência, afóra os arroubos nacionalistas, o pomo da discórdia parece residir no preço fixado para a holding, coligadas e controladas – uma constelação de 43 empresas que vão da exploração mineral ao transporte ferroviário –, avaliadas em R\$ 10,3 bilhões. Registre-se que no dia 5 de março, quando o governo comunicou o preço final a que chegaram os consultores contratados, a cotação média das transações efetuadas com ações ordinárias da Vale na Bolsa de Valores de São Paulo equivalia a R\$ 32,18 por

ação. O edital estabeleceu em R\$ 26,67 o preço mínimo de venda dessas ações, uma diferença de 20,7% para menos. Imediatamente o mercado se readaptou e o pregão do dia seguinte já exibia a nova cotação. Antoninho Marmo Trevisan, que já foi secretário especial das Estatais no governo Sarney e coordenou várias operações de privatização, como a da Light, diz que adquirir papéis da Vale antes do leilão se converteu no melhor negócio do momento. “O lucro está ga-

Extração de minério de ferro em Carajás: maiores reservas do planeta e exportações de US\$ 1,5 bilhão por ano

MIRIAN FICHTNER



O PESO DA MINERADORA

As maiores jazidas e os números da jóia da coroa
(Exploração e faturamento anuais)

US\$ 632 mi lucro líquido/96 US\$ 6,2 bi faturamento/96

US\$ 11,5 bi patrimônio líquido/96 15.483 empregados
43 empresas

Manganês
69,7 milhões de t R\$ 55 milhões

Minério de ferro
41,5 milhões de t R\$ 1.935 milhões

* O minério ainda está em fase de exploração

Potássio
120,4 milhões de t
R\$ 79 milhões

Fonte: CVRD

A defesa

O ministro do Planejamento, Antônio Kandir, responsável pelo programa, contesta as críticas feitas à avaliação, ao modelo de venda e ao uso dos recursos.

ISTOÉ – Para que privatizar a Vale? **Kandir** – Privatizada, a Vale vai ter mais recursos para investir e será libertada de uma série de amarras burocráticas.



ISTOÉ – Como é que se compatibilizam dentro das mesmas contas do governo o aumento de dívida em função do Proer e a venda da Vale

por um quarto do valor dos empréstimos do Proer?

Kandir – São coisas completamente distintas, os números não são comparáveis.

ISTOÉ – Não há uma preocupação do governo em deixar tanto poder sobre as nossas reservas na mão de uma empresa estrangeira como a Anglo-American?

Kandir – O poder é relativo, porque o modelo leva a uma gestão compartilhada por vários investidores. Nenhuma empresa poderá ter mais que 13% do capital.

ADRIANA CHIARINI

rantido”, avisa. Ele relembra que em novembro de 1994 – portanto antes da descoberta de novas jazidas potenciais –, o valor da estatal nas bolsas girava em torno de R\$ 14,4 bilhões e a queda de mais de 40% até os atuais R\$ 10,3 bilhões não encontra explicações nos resultados da empresa. Decerto, uma olhada no balanço da Vale é suficiente para verificar que apenas no primeiro trimestre deste ano ela obteve lucro líquido de R\$ 81 milhões, o maior dos últimos quatro anos, com evolução patrimonial crescente. Especialistas acreditam que o preço das ações, por tudo isso, está visivelmente repesado. “O mercado é muito influenciável por pressões oportunistas de compras e vendas, possibilitando alterar artificialmente o preço da ação”, apontou o economista Júlio Flavio Souza Lima em artigo no jornal *Gazeta Mercantil*. Trevisan coloca mais lenha na fogueira ao destacar que qualquer negociação de papéis envolvendo o controle de uma companhia normalmente encarece em 50% o preço do título. “Esse ágio é praxe no mercado”, diz. O presidente do BNDES, Luiz Carlos Mendonça de Barros, concorda que ações representando controle são mais valorizadas, porém evita fazer projeções sobre esse ágio. Dentro do ban-



LEÔNIDAS PIRES
general

“A venda é inoportuna. Falta saber para onde vai o dinheiro”



ROBERTO BRANT
deputado (PSDB-MG)

“A privatização diminui a dívida pública e financia investimentos”

co a torcida é de que no leilão alcance 30% sobre o valor mínimo, como forma de aplacar a ira dos nacionalistas. Mas estimativas conservadoras não vão além de 15%.

Nesse capítulo ágio residiu toda a estratégia do governo nos últimos dias. Inicialmente simpático à idéia de ter a Vale nas mãos de um grupo do porte da Votorantim, que lidera o consórcio Valecom (leia gráfico), subitamente virou o jogo por temer que a ausência de concorrentes deixasse o processo cheio de dúvidas. Começou a trabalhar pela formação de um consórcio alternativo. O governo precisa de ágio no preço final para afastar as acusações de que estaria entregando a empresa. Ao mesmo tempo, considera ideal concentrar a disputa em apenas dois grupos, para eliminar as críticas contra o baixo valor estabelecido para o negócio. “Se a Vale

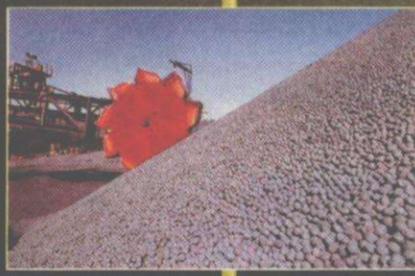
fosse galinha morta, teria aparecido muito mais gente para disputar o leilão”, afirmou FHC a ISTOÉ. A alegação é singela. O presidente – que também tentou convencer o arcebispo dom Lucas Moreira Neves, da CNBB, com os mesmos argumentos – não considera em seu ponto de vista o alto montante envolvido na transação, que decerto elimina muitos pretendentes por falta de fôlego financeiro. Contam-se nos dedos o número de gru-

VALE A PENA VER DE NOVO

A história de uma das mais poderosas estatais do País

Em 1º de junho, através do Decreto-Lei nº 4.352, é criada a Vale do Rio Doce. Os governos brasileiro e britânico ratificam o acordo de 1942 para a transferência das minas da Estrada de Ferro Vitória-Minas (EFVM) para o Brasil

Assumido pelo governo brasileiro o controle definitivo do sistema operacional da Vale do Rio Doce

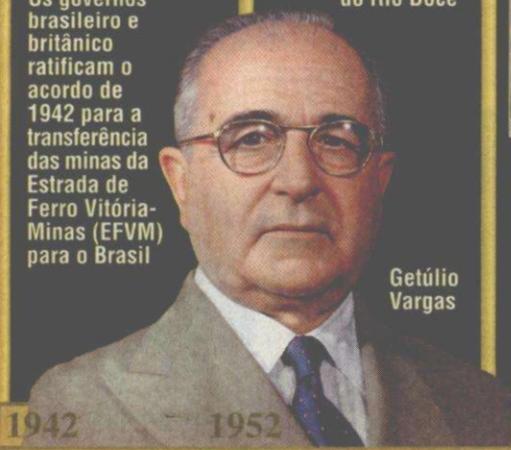


Iniciada a operação do cais da Vale do Rio Doce no Porto (foto) de Vitória (ES)

Assinados os primeiros contratos de longo prazo para o fornecimento de minério de ferro

Iniciada a construção da Estrada de Ferro Carajás

Inaugurado o Terminal Marítimo de Tubarão (foto) em Vitória (ES)



Getúlio Vargas

1942

1952

1958

1962

1966

1978



ALAN RODRIGUES

Protesto em BH: 2.000 manifestantes comemoram a suspensão do leilão

pos empresariais com patrimônio acima de R\$ 1 bilhão. Além disso, por se tratar de um negócio de know-how específico, o cesto de candidatos é ainda mais restrito. Finalmente, o governo recorreu a um artifício no edital que desestimulou mais interessados: para lhe garantir participação em jazidas ainda não confirmadas, ele firmará um contrato de risco de sete anos com o grupo vencedor, que lhe dá

direito a 50% de todas as descobertas no período. Em troca entra com metade dos custos das pesquisas geológicas, financiadas por uma linha especial do BNDES. Nessa história toda, a conta deve ficar nas costas do contribuinte. Antes, os recursos para exploração vinham de reinvestimentos do lucro da Vale; agora, terão parte bancada por dinheiro público.

Colocando a lupa sobre o destino que será dado aos dividendos dessa operação, surgem novas dúvidas sobre as razões que levam a venda imediata da estatal. O go-

O ataque

O geógrafo Aziz Nacib Ab'Sáber, pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, acha que a Vale é um "patrimônio fundamental para o desenvolvimento do País".

ISTOÉ – Por que o sr. é contra a venda da Vale?

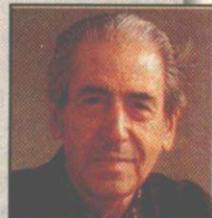
Ab'Sáber – Ela é a maior e mais rentável estatal do País, responsável pela exploração de minerais essenciais para o processo industrial.

ISTOÉ – Os defensores da privatização alegam que os recursos da venda serão revertidos no desenvolvimento social. Como o sr. vê isso?

Ab'Sáber – É uma alegação pérfida e mentirosa. De que vai adiantar o dinheiro se o governo gastou bilhões para manter alguns bancos em situações esdrúxulas.

ISTOÉ – O que deve acontecer depois da privatização?

Ab'Sáber – Hoje estão nos pagando apenas US\$ 18 por tonelada de minério de ferro. É um preço aviltado. Em cinco anos, a companhia que comprar a Vale vai levantar o preço e prejudicar as montadoras do País.



RODRIGO ARCO E FLEXA



Inauguração do Projeto Carajás (foto)

Em 19 de junho é assinada com o governo federal, acionista majoritário, o primeiro contrato de gestão

Início da operação da Bahia Sul-Celulose

Criada a Celulose do Maranhão (Celmar)

A Vale do Rio Doce torna-se a maior produtora de ouro da América Latina com 12 t/ano

Adquirida participação na Aço Minas Gerais (Açominas)

Adquirida participação na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN)

Reiniciadas as obras da Alumina do Norte do Brasil (Alunorte)

Venda recorde de 103 milhões de toneladas de minério de ferro

A EFVM registra o volume histórico de 2 bilhões de toneladas transportadas de 1943 até 1994 (foto)



Descoberta a nova reserva de ouro, em Serra Leste (PA), cuja estimativa indica um potencial da ordem de 150 t

A Vale do Rio Doce é incluída, no dia 1º de junho, no Programa Nacional de Desestatização através do Decreto-Lei nº 1.510

14/Abr – Fim do prazo para os acionistas minoritários da Vale aderirem ao leilão

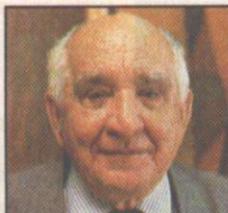
24/Abr – Fim do prazo para a entrega dos documentos relativos à pré-identificação à Câmara de Liquidação e Custódia (CLC)

28/Abr – Fim do prazo para a apresentação da prova de capacidade financeira dos concorrentes

29/Abr – Leilão da Companhia Vale do Rio Doce

1985 1992 1993 1994 1995 1997

verno diz que destinará metade dos R\$ 3 bilhões obtidos para abater dívida pública e a outra para um fundo no âmbito do BNDES que concederá investimentos à iniciativa privada a taxas de juros menores que a do Tesouro Nacional. Em ambos os casos, fica a sensação de dinheiro jogado fora. A dívida com títulos federais alcança quase R\$ 200 bilhões e uma parcela de R\$ 1,5 bilhão pouco modificaria o seu perfil. Por sua vez, a idéia de conceder empréstimos subsidiados para a iniciativa privada com o restante R\$ 1,5 bilhão resgata um antigo, e condenável, papel de Estado paternalista que é incongruente com o programa de desestatização. "Vender uma empresa eficiente para colocar o dinheiro num banco estatal a juros subsidiados é no mínimo um contrassenso", diz Trevisan, para quem o governo lucraria mais se fizesse a venda por partes, como ocorreu com a Rede



MAXIMILIANO DA FONSECA
almirante

"A condição de estatal impede a Vale de atuar com mais recursos"

Ferrovária Federal. O problema é que essa colocação em etapas exigiria tempo e o governo tem pressa de mostrar resultados nesse campo para angariar prestígio externo.

Diante do quadro, ganha força a idéia de que privatizar é fundamental, mas não a qualquer preço. Sobre os avaliadores que definiram o valor de R\$ 10,3 bilhões para a companhia ainda residem acusações de ordem ética. É que a Merrill Lynch, uma das consultorias contratadas, comprou a corretora SBH, que representa

a multinacional sul-africana Anglo American. No Congresso, o deputado Miro Teixeira, representante da Comissão que investiga a privatização da Vale, levantou a questão de conflito de interesses. Um relatório técnico encomendado aos engenheiros da Universidade Federal do Rio de Janeiro apontou que a Merrill Lynch teve "deficiências de abordagem e de método

Guerra publicitária

Os brasileiros vêm acompanhando desde o começo do ano uma verdadeira guerra publicitária. De um lado o governo, e do outro, partidos políticos – que utilizam os horários gratuitos cedidos pelo TSE para contestar a privatização. A campanha elaborada pelo governo teve, num primeiro momento, a assinatura da agência carioca Dennison. Foram gastos R\$ 2 milhões em anúncios nos principais jornais e revistas do País. A agência Contemporânea, nova contratada, encomendou uma pesquisa qualitativa para saber que ator, ou atriz, seria capaz de passar credibilidade e seriedade num comercial explicativo sobre a privatização. Foi escolhido o global Raul Cortez. A empreitada já consumiu R\$ 4 milhões. Outros R\$ 3 milhões serão desem-

na avaliação da Companhia, o que prejudica a União na venda". Em nome da corretora, o ex-ministro Marcílio Marques Moreira, que dirige o escritório no Rio, diminui o problema: "As acusações são infundadas. Como a Merrill Lynch é uma das maiores corretoras do mundo, fica como alvo de comentários maldosos."

Por trás das diferenças técnicas, recursos jurídicos e dúvidas quanto ao preço, desenvolve-se uma espetacular guerra entre os consórcios. Apenas dois se habilitaram formalmente com a entrega de suas propostas de grupo na tarde da quinta-feira 24. No consórcio Brasil, liderado pela CSN (irá deter 25% da sociedade), algumas adesões para fechar o time só ocorreram no último momento. O presidente do conselho administrativo da CSN, Benjamin Steinbruch, teve de contar com a compreensão do BNDES, que adiou por duas vezes o horário limite para a entrega da papelada de inscrição. "Foi um milagre termos conseguido", admitiu. No apagar das luzes incorporou-se ao consórcio Brasil o Grupo Alcoa e o Bradesco como agente financiador. Além deles, estão o banco de investimentos Opportunity, a companhia de papel e celulose Suzano, o Nations Banks americano e quatro fundos de pensão (Previ, Petros, Funesp e Funcef). Todos com as participações percentuais ainda em discussão. A mineradora australiana Gencor e outras três empresas ainda podem aderir.

No consórcio adversário, o Valecom, favorito na disputa, a Anglo e o Votoran-

OS JOGADORES

Quem é quem na briga pelo controle acionário



Antonio Ermírio

VALECOM



Benjamin Steinbruch

CONSÓRCIO BRASIL

Empresa/Origem	Faturamento anual	Empresa/Origem	Faturamento anual
Votorantim-Brasil Cimento, metalurgia, energia, papel e celulose	US\$ 5,8 bi	CSN-Brasil Siderurgia, transporte, energia e cimento	US\$ 2,5 bi
Mitsubishi-Japão Químico, financeiro, motores e eletrônico	US\$ 85 bi	Nations Banks-EUA Financeiro	US\$ 242 bi
Anglo American - África do Sul Mineração, agricultura, papel e celulose	US\$ 14 bi	Opportunity-Brasil Financeiro	US\$ 2 bi
Nissho Iwai-Japão Mineração, têxtil, energia e químico	US\$ 89,1 bi	Suzano-Brasil Papel e celulose	US\$ 1,6 bi
Nippon Steel-Japão Eletrônico, químico, trading e mineração	US\$ 27,7 bi	Gencor-África do Sul* Mineração e trading	US\$ 3,4 bi
Marubeni-Japão Químico, construção, energia	US\$ 60 bi		
Caemi/Mitsui Brasil-Japão Mineração e trading	US\$ 163 bi		

E mais a Alcoa e os fundos de pensão Prev, Petros, Funesp e Funcef

E ainda os fundos de pensão Sistel e Centrus e mais oito empresas japonesas, cujo faturamento ultrapassa os US\$ 30 bilhões

* Ainda não definido no consórcio



Cortez: anúncio de US\$ 4 milhões

bolsados para propagandas em jornais e revistas. No contra-ataque, o PMDB utilizou meia hora de programação exibindo um discurso inflamado do deputado Paes de Andrade contra a venda. Os custos de produção não passaram dos R\$ 5 mil. O PT realizou uma campanha nacional com o senador José Eduardo Dutra e gastou R\$ 10 mil.

tim entram com 40% de participação cada um. Outros 10% estão distribuídos entre 12 empresas japonesas. Além delas, a Mitsui, junto com o grupo brasileiro Camemi, assume os restantes 10%. Para os japoneses, esse é um jogo de vida ou morte e por isso vão entrar com US\$ 600 milhões financiados pelo Eximbank japonês. Eles temem, caso não ganhem, ficar dependentes do minério de ferro australiano. Atualmente 50% de suas aquisições do produto vêm de lá. Outros 25% saem da Vale e 10% da MBR, empresa do Grupo Camemi. Os fundos de pensão Centrus e Sistel fecham o grupo Valecom sem colocar dinheiro – vão ter apenas assento no conselho administrativo a ser presidido por Antônio Ermírio de Moraes. “Nosso consórcio é o que tem maior sinergia com a Vale”, defende Ermírio de Moraes.

Nesse tabuleiro, a Vale é tida como uma máquina de proporções bíblicas. É hoje a maior produtora e exportadora de minério de ferro do mundo e a mais importante em ouro na América Latina. Seu estoque de minério alcança 400 anos. Possui uma frota de 45 navios e linhas ferroviárias que cobrem 1.800 quilômetros do País. Neles, trafega a maior locomotiva

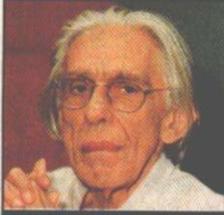
em operação no planeta com 205 vagões, transportando os quase 140 milhões de toneladas de minérios extraídas anualmente. Todos os seus números são altissonantes. No seu quartel-general de Carajás, na Amazônia, mantém uma cidade com 5.000 habitantes trabalhando exclusivamente nas suas minas (leia matéria à pág. 146). Outro tanto é mantido em Itabira, interior de Minas, berço da estatal. Foi lá, e na capital Belo Horizonte, que os protestos atingiram o ponto alto na sexta-feira 25, com milhares de manifestantes e políticos, como Aureliano Chaves, gritando palavras de ordem. “Acima da vaidade de FHC estão os interesses nacionais”, bradou Aureliano.

Nesse estado de ânimo, as ações na Justiça estão dando o tom na fase final do processo. Dado relevante que conta a favor do leilão é que nenhuma privatização até hoje foi suspensa por recursos na Justiça. No caso da Vale uma das liminares vitoriosas refere-se à concessão pela União de uma área de 412 mil hectares. Lá estão a maior mina de ouro da Companhia (Igarapé-Bahia), que produz anualmente dez toneladas; o projeto Salobo que gera 500 toneladas de cobre e nove de ouro, além das minas de Corpo Alemão e Pojuca, apontadas como focos promissores na exploração desses metais e de manganês. No solo, a Vale administra uma reserva florestal e o Aeroporto de Carajás. O Sindicato dos Bancários de São Paulo também acaba de entrar nas barras da Justiça com uma denúncia envolvendo José Pio Borges, vice-presidente do BNDES. Ele consta como membro do conselho de administração da Aracruz Celulose desde novembro de 1996 e a empresa tem entre seus acionistas a Anglo American e o Banco Safra que estão na disputa através do consórcio Valecom. “Isso não configura nenhuma irregularidade e nenhum privilégio para a Valecom”, reagiu Pio Borges. O festival jurídico sempre precede as privatizações. A diferença é que desta vez está em questão uma estatal eficiente.

Colaboraram: Adriana Chiarini (DF) e Darcio Oliveira (SP)



REGINA DUARTE
atriz
“O País deve ter controle sobre as reservas minerais”



FERREIRA GULLAR
poeta
“Vender a Vale será um erro histórico do governo FHC”

Organizações Humanizadas e Competitivas

"O REDESPERTAR ESPIRITUAL NO TRABALHO: Práticas, Princípios & Resultados"

A organização que não se permitir pensar diferente e trazer a discussão uma mudança de paradigma no pensamento coletivo, para que o auto-conhecimento seja considerado como a mais alta forma de conhecimento, estará histórica e humanamente ultrapassada.

(Deepak Chopra)

Principais Temas

- O REDESPERTAR ESPIRITUAL NAS ORGANIZAÇÕES • MÉTODOS E PRÁTICAS DA TRANSFORMAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO
- APROFUNDAMENTO DE RH
- REINVENÇÃO DO HUMANO
- A DIMENSÃO ESPIRITUAL NO GERENCIAMENTO E NOS NEGÓCIOS
- A EMPRESA FELIZ E COMPETITIVA
- INTELIGÊNCIA EMOCIONAL
- DESPERTANDO O VENCEDOR QUE ESTÁ EM VOCÊ

Palestrantes

JACK HAWLEY
(Participação Internacional)

LEONARDO BOFF
FLÁVIO GIKOVATE
MARIO CORTELLA

ROBERTO SHINYASHIKI
WANDERLEY PIRES
FREI BETO

13 E 14 DE MAIO/97
MAKSOU PLAZA - SÃO PAULO

APOIO: APARH (Associação Paulista de Administração de Recursos Humanos), ESTADÃO (É muito mais jornal), Terra de Felicidade Babia (É pra lá que eu vou), CIA AÉREA OFICIAL, VARIG, RIO-SUL.
 REALIZAÇÃO: IBAP (DESENVOLVIMENTO & EVENTOS), IBAP 22

Informações / Inscrições
(071) 358.8377 0800 - 71 7711

Igarapé-Bahia: ponto
de partida das recentes
descobertas do ouro

À espera do novo dono

Trabalhadores de Carajás vivem dias de expectativa e temem perda de emprego

DARCIO OLIVEIRA, DE CARAJÁS

No terreno barrento que cobre toda a região de Carajás, no sul do Pará, os empregados da Vale, responsáveis pela extração de minérios, estão apreensivos. Carajás vive dias de expectativa com a privatização daquela que é uma das mais poderosas estatais do País. "Não temos idéia do que vai acontecer com a gente", diz Dácio Andrade, 53 anos de idade e 12 de Vale. Como ele, vários funcionários trabalham com a nítida sensação de despedida. Com os pés literalmente sobre a riqueza da empresa, o destino mesmo assim lhes parece incerto. Para a maioria, que praticamente se criou na região, a chegada de um novo grupo pode ameaçar uma estabilidade construída nos últimos 12 anos. Além do emprego, eles temem pelo fim de uma vida que até certo ponto corre mansa no sul do Pará. Moram num condomínio residencial que ganhou o apelido de núcleo e que abriga 5.000 pessoas. A maioria funcionários. O resto, parente de funcionários. Não pagam aluguel, água, luz, nada. Apenas uma taxa de R\$ 11 mensais para a manutenção do condomínio.

Carajás é o coração da Vale do Rio Doce. É a maior reserva de minério de ferro a céu

aberto do mundo. No total, são 18 bilhões de toneladas, número suficiente para garantir a produção por mais 400 anos. No ano passado, saíram da principal mina, a N4E, algo em torno dos 43 milhões de toneladas do minério. Não é à toa que a Vale detém cerca de 25% do mercado mundial nessa área. O minério de ferro continua sendo a principal fonte de receita da empresa, respondendo por mais de dois terços do faturamento. Em 1996, as vendas no mercado interno e externo geraram uma receita de US\$ 1,8 bilhão. "Há anos a gente vem quebrando recordes, fazendo a mina crescer e ninguém parece olhar para isso", diz Gérson Barbosa Mendes, que há cinco anos

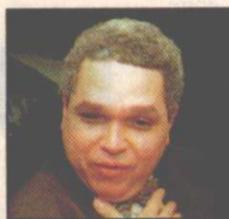
é operador de caminhões de 240 toneladas. Mendes nem sabe que só o pneu deste caminhão, com 3,5 metros de altura, custa R\$ 300 mil. Muito menos que o caminhão não sai por menos de R\$ 3 milhões. Mas sabe que aquilo tudo que costuma carregar na "caçamba" e que lhe deu o sustento até hoje vale muito mais do que os R\$ 10 bilhões que estão falando. "Estão querendo entregar a Vale de graça e eu não vou ficar aqui assistindo", diz. Por isso mesmo,

**VA
LE**

saiu de Carajás e foi morar em Parauapebas, município com 100 mil habitantes distante 25 quilômetros. É lá que pretende abrir seu próprio negócio.

Em meio ao drama dos funcionários e à expectativa para o leilão que definirá o novo dono de Carajás, a Vale vai fazendo seus planos de investimentos para 1997. Já estão reservados US\$ 55 milhões que serão usados em novos equipamentos. Em pouco tempo, Carajás terá uma das minas mais modernas e funcionais do mundo. "É um compromisso que assumimos com o governo", diz o engenheiro João Augusto Hilário. Entre as novidades, está prevista a instalação de dois túneis para reduzir a distância de transporte por caminhões na nova mina, a N1, que está entrando em funcionamento. É nela que a Vale está desenhando uma associação gigantesca com os chineses. O acordo prevê a produção conjunta de cinco milhões de toneladas/ano de minério. Os chineses ficariam responsáveis pela instalação dos equipamentos e transporte, enquanto a Vale entraria com o beneficiamento. "O acordo nos coloca em um dos maiores mercados do mundo", diz Francisco Schettino, presidente da Vale.

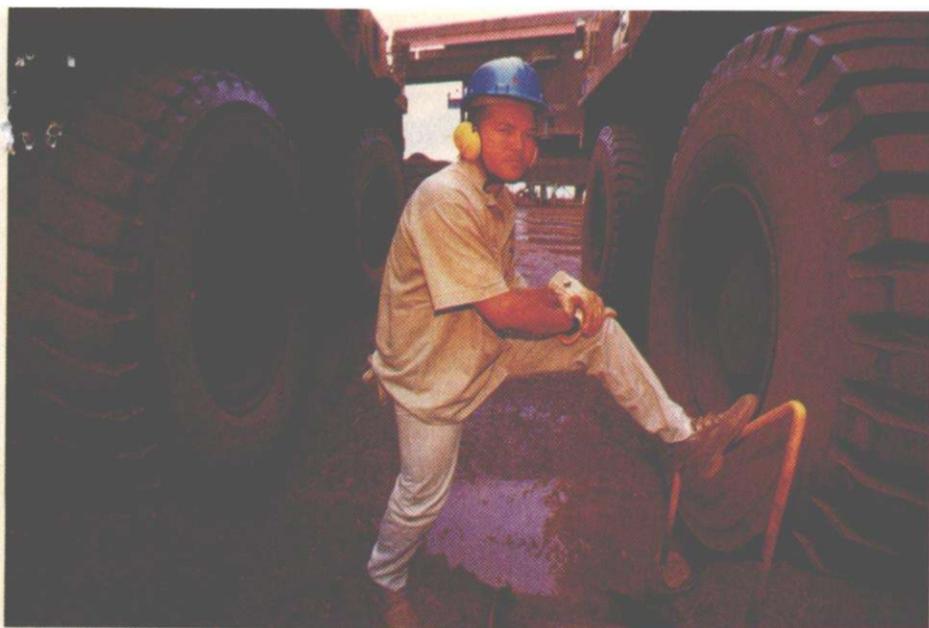
Outra grande prioridade em termos de



PEDRO PAULO DE SENA
MADUREIRA
editor

"Não se vende
a Vale como
uma hidrelétrica
do interior"

Isto é
30/14/97 1402147
MCR 0092



MIRIAM FORTNER

O funcionário Gérson Mendes: mudança de cidade para tentar novo negócio

investimentos é a área do ouro. Além de concentrar seus esforços na mina de Igarapé-Bahia, responsável por uma produção de dez toneladas anuais – 55% da extração total (18 toneladas) –, a Companhia está apostando alto em pesquisas geológicas. No total, serão desembolsados US\$ 20,6 milhões. Desses, US\$ 4 milhões destinados à intensificação das buscas minerais em Serra Leste, situada a dois quilômetros de Serra Pelada e

a 60 quilômetros de Carajás, e que tem um potencial estimado em 150 toneladas de metal. Na virada do século, estará sendo produzida a primeira barra de ouro no local. A nova mina adicionará 15 toneladas anuais ao total produzido hoje.

A corrida pelo metal segue no depósito denominado Corpo Alemão, próximo a Igarapé-Bahia. Lá, já foram realizados 12 furos de sondagem e cinco deles obtiveram sucesso. Em outras palavras, os geólogos detectaram mineralização de cobre e há estimativas de que a região tenha reservas da ordem de 200 toneladas de ouro. Se for verdade, será uma das maiores minas do mundo. Nos corredores do BNDES e na própria Vale há quem diga que tais projeções não passam de chutes. Mas a contar pelo interesse da Anglo American, a maior mineradora de ouro do mundo, na aquisição da Vale, as possibilidades de que essas contas sejam conversa de garimpeiro parecem exagero.

Em Salobo, na parte centro-norte da província mineral de Carajás, sondagens de até 800 metros revelaram expressivo depósito de cobre, ouro e prata. A mina é uma associação da Vale com a Morro Velho Anglo American para ex-



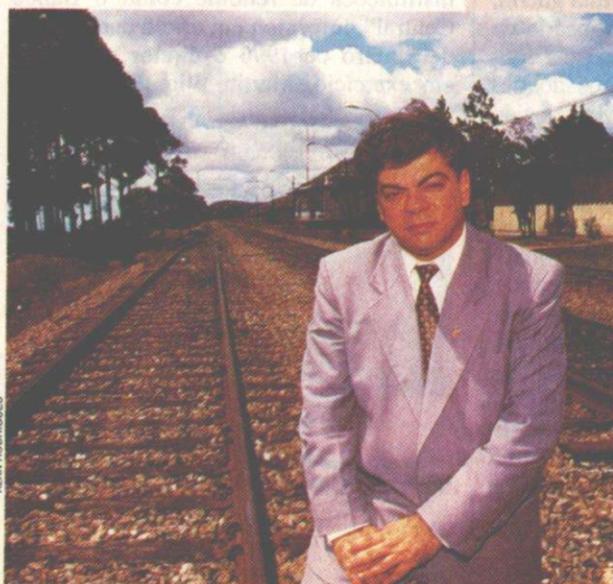
MILTON GONÇALVES
Ator

“Não concordo com a idéia de vender a Vale em bloco”

plorar reserva de 529 milhões de toneladas. Ao todo, será investido pelos parceiros US\$ 1,2 bilhão. Além das 200 mil toneladas anuais de cobre metálico que poderão ser produzidas, o subproduto desta exploração é 28 toneladas de prata e oito de ouro. A atividade irá gerar recursos anuais da ordem de US\$ 500 milhões.

O anúncio dessas novas reservas se deu no começo do ano. É uma das mais impor-

tantes descobertas geológicas da história, comparáveis apenas às realizadas no início do século no Canadá e na África do Sul. Tais riquezas garantem a Carajás a condição de uma das maiores províncias minerais do planeta. E a região ainda nem foi mapeada por completo. Isso quer dizer que há grandes chances de se descobrir novos depósitos de cobre e ouro na região. É isso que provoca a ira dos nacionalistas e a alegria dos consórcios.



ALAN RODRIGUES

Poesia real

IVAN PADILLA, DE ITABIRA

No poema *Confidência do itabirano*, de 1940, o escritor Carlos Drummond de Andrade descreve sua apreensão pelo futuro da cidade mineira de Itabira, sua terra natal. Berço da Companhia Vale do Rio Doce, o município, que hoje tem uma população de 90 mil habitantes, vivia na época um clima de euforia pela implantação da empresa, fato que se concretizaria dois anos depois. Nos últimos tempos, a preocupação do poeta Drummond acabou por se incorporar ao cotidiano local. A iminente privatização da Vale vem desencadeando núcleos de resistência à iniciativa do governo federal, como o movimento Reage Vale, Reage Itabira. Sem um parque industrial e uma agropecuária de expressão, Itabira vive da extração do minério de ferro. Mais de 80% dos R\$ 50 milhões arrecadados anualmente pela prefeitura vêm dos impostos pagos pela Companhia. Hoje, a empresa possui cerca de 5.000 funcionários.

Itabira é o retrato social da Vale. Os dois cursos superiores e as sete escolas profissionalizantes do município foram criados inicialmente para atender às necessidades dos profissionais da empresa, assim como o moderno Hospital Carlos Chagas. O estádio de futebol Israel Pinheiro também foi construído pela Companhia. O elenco do time de futebol local, o Valeriodoce, que atualmente disputa o campeonato mineiro, era formado no início por trabalhadores das minas e até pouco tempo atrás recebia subsídios da empresa. Desde que começou

a se falar em privatização, há três anos, a Vale do Rio Doce mudou sua política social na região, e os órgãos foram passados para as mãos da prefeitura. “O futuro é nebuloso. Itabira depende economicamente e afetivamente da atuação da Vale”, diz o prefeito Jackson Tavares, do PT.

O prefeito Tavares: futuro nebuloso sem a mineradora